

Pensamento geopolítico brasileiro ao longo do tempo: qual é (ou deveria ser) esse pensamento agora?

Mário Brasil do Nascimento¹

Resumo: O pensamento geopolítico analisa e propõe soluções para a relação entre atores na disputa de poder, considerando o papel dos espaços apropriados e em uso nessa interação. O pensamento geopolítico no Brasil evoluiu passando pelas seguintes fases: 1) predominantemente pragmática com os lusitanos; 2) início da codificação e enfrentamento das disputas internas de poder; 3) a influência da Geopolítica de Mackinder; 4) o contexto da bipolaridade; 5) as novas disputas internas influenciadas pelo choque ideológico; e 6) perda de um pensamento geopolítico convergente. O pensamento atual deveria reestabelecer a coesão nacional e adotar uma visão estratégica comum para superar a alternância de avanços e retrocessos que o País tem vivido nos últimos anos.

Palavras-chave: Geopolítica, Pensamento Geopolítico, Pensamento Geopolítico Brasileiro.

Brazilian Geopolitical Thinking over time: What is (or should be) that thinking now?

Abstract: Geopolitical thinking analyzes and proposes solutions for the relationship between actors in the struggle for power, considering the role of appropriate spaces in use in this interaction. Geopolitical thinking in Brazil evolved through the following phases: 1) predominantly pragmatic with the Lusitanians; 2) beginning of codification and confrontation of internal power disputes; 3) the influence of Mackinder's Geopolitics; 4) the context of bipolarity; 5) new internal disputes influenced by the ideological clash; and 6) loss of convergent geopolitical thinking. Current thinking must reestablish national cohesion and adopt a common strategic vision to overcome the alternation of advances and setbacks that the country has experienced in recent years.

Keywords: Geopolitics, Geopolitical Thinking, Brazilian Geopolitical Thinking.

Pensamiento geopolítico brasileño a lo largo del tiempo: ¿Cuál es (o debería ser) ese pensamiento ahora?



Resumen: El pensamiento geopolítico analiza y propone soluciones para la relación entre actores en la lucha por el poder, considerando el papel de los espacios apropiados en uso en esta interacción. El pensamiento geopolítico en Brasil evolucionó a través de las siguientes fases: 1) predominantemente pragmático con los lusitanos; 2) inicio de la codificación y enfrentamiento de las disputas internas de poder; 3) la influencia de la Geopolítica de Mackinder; 4) el contexto de bipolaridad; 5) nuevas disputas internas influenciadas por el choque ideológico; y 6) pérdida del pensamiento geopolítico convergente. El pensamiento actual debe restablecer la cohesión nacional y adoptar una visión estratégica común para superar la alternancia de avances y retrocesos que el país ha experimentado en los últimos años.

Palabras clave: Geopolítica, Pensamiento Geopolítico, Pensamiento Geopolítico Brasileño.

¹ Doutor em Relações Internacionais pela Atlantic International University. Foi Subchefe da Célula de Engenharia da Missão de Apoio da ONU no Timor Leste, e Subcomandante da Companhia de Engenharia de Força de Paz no Haiti.

Introdução

O termo “geopolítica” tem sido largamente empregado em rodas de conversações, muito embora, em diversas oportunidades, as pessoas desconheçam o real sentido da palavra. O mesmo ocorre com a expressão “pensamento geopolítico”, cujo significado é pouco explorado.

Dessa forma, o propósito deste artigo é lançar luz sobre o conceito de pensamento geopolítico, analisar a evolução desse pensamento no Brasil e visualizar um pensamento geopolítico para o futuro do Brasil. Para isso, parte-se do conceito genérico da Geopolítica como campo de conhecimento que analisa a relação entre os atores (sejam eles estatais ou não), os espaços apropriados e em uso, e o poder (Gonzalez, 2022), ponderando como o poder é disputado e distribuído naqueles espaços e como a disputa ou distribuição dos espaços é afetada ou determinada pelo poder.

O problema norteador deste artigo é o seguinte: considerando a evolução do pensamento geopolítico brasileiro ao longo do tempo, seja ele pragmático ou formalizado, que pensamento geopolítico deveria nortear o Brasil diante de uma conjuntura de transformação do mundo e dos cenários de aumento da competitividade entre os grandes *players* globais na luta pela hegemonia?

O artigo se valeu de pesquisa bibliográfica e utiliza uma abordagem temporal, considerando os seguintes períodos: 1) do Descobrimento até 1919, quando predomina a geopolítica pragmática; 2) de 1920 até os dias atuais, quando há uma mescla da geopolítica formalizada em textos e aquela da prática cotidiana. Cabe destacar que o artigo não abrangerá todos os pensadores geopolíticos brasileiros, mas alguns mais destacados.

1. Desenvolvimento do Pensamento Geopolítico Brasileiro

Não há como iniciar sem compreender, minimamente, o que é o pensamento. Essa ação mental constitui um processo cognitivo que manipula informações para gerar significado, resolver problemas, tomar decisões e produzir novas ideias². Elder e Paul (2007) mostram, didaticamente, que o pensamento compreende oito etapas básicas: 1) a identificação do propósito ou objetivo a respeito do que se pensa; 2) o problema a ser resolvido; 3) as

²Conceito extraído do Psychology Dictionary. Disponível em <https://psychologydictionary.org/thinking/>

informações que se dispõe acerca da questão; 4) a interpretação e inferências sobre o problema³; 5) as teorias e princípios que possam ser contrastadas com a situação; 6) o levantamento de suposições; 7) a identificação das implicações; e 8) a perspectiva ou ponto de vista para a solução do problema.

Mas, afinal, o que é pensamento geopolítico? Há poucas definições ou conceitos diretos para a expressão. Aguayo (citado por Haas, 2018, p.4) define pensamento geopolítico como a arte ou ciência que possibilita aos Estados e sociedades o conhecimento das vantagens materiais e sociais disponíveis e empregadas em relação aos países vizinhos e ao restante da sociedade internacional, assim como as limitações inerentes a esses últimos atores citados. Dijkink (2011, p.7), por sua vez, trata o pensamento como “visão geopolítica”; e a define como qualquer ideia referente à relação entre o seu próprio lugar e outros lugares, envolvendo a percepção de segurança/insegurança ou vantagem/desvantagem e/ou trazendo ideias correlatas de estratégia de política externa. Guzzini (2015, p.8) entende que o pensamento geopolítico é aquele que fornece critérios supostamente objetivos e materiais para a formulação dos interesses nacionais. Sob outra perspectiva, Ó Thuatail e Agnew (1992, p.194) consideram que o pensamento (que eles tratam como raciocínio) geopolítico é um processo político inato de representação pelo qual intelectuais e estadistas designam um mundo para “preenchê-lo com dramas, histórias e atores e dilemas”, posteriormente enunciando um discurso sobre aquelas bases. Ó Thuatail destaca que a maior parte do pensamento geopolítico se manifesta sob a forma de prática⁴ e não de maneira formal (Ó Thuatail e Agnew, 1992, p.194).

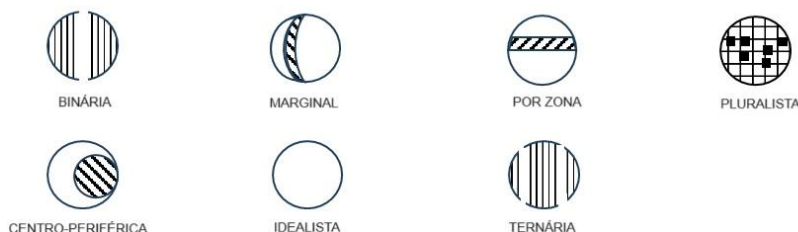
Segundo Ryan (1993, p.6), o conceito de pensamento geopolítico tem origem na Alemanha, com Friedrich Ratzel, chamado de precursor do pensamento geopolítico (Mendes da Costa, 2014, p.8). Ratzel formalizou seu pensamento quanto à sobrevivência e à expansão dos Estados, considerados organismos vivos (Parker, 1985, p.176), naquilo que ficou conhecido com as sete leis de Ratzel ou Teoria dos Espaços Crescentes (Stogiannos, 2019, p.135-47). Interessante destacar a classificação de Parker (1985, p.24) sobre

³ Segundo Robbins e Wolter, problemas são as dificuldades ou as discrepâncias que se interpõem entre o estado da situação atual e o estado da situação final desejada.

⁴ Neste trabalho, essa forma prática será considerada com geopolítica pragmática.

as escolas de pensamento geopolítico existentes, em função dos centros de poder e a divisão territorial do mundo, conforme ilustrado a seguir.

Figura 1 - Centros de Poder e Divisão do Mundo segundo as Escolas de Pensamento Geopolítico



Fonte: adaptado de Parker (1985, p.24; e 1991, p.11).

1.1. Do Descobrimento até 1919 – a predominância da Geopolítica Pragmática

Entre o descobrimento do Brasil até 1919, há uma predominância da geopolítica pragmática, tendo em vista que somente a partir de 1920⁵ tem início a codificação⁶ do pensamento geopolítico no Brasil.

No período do Brasil Colônia, o pensamento geopolítico (lusitano) pragmático foi guiado pelo propósito de assegurar o domínio e a exploração dos recursos das terras recém descobertas e de manter a costa leste para proporcionar o fluxo marítimo com Portugal. Em um segundo momento, buscou-se a expansão do território ao máximo possível para Oeste. O problema inicial é que espanhóis, franceses, holandeses e ingleses ameaçavam a intenção portuguesa de domínio territorial, sobretudo buscando se apossar das riquezas disponíveis e tentando se estabelecer no litoral do Rio de Janeiro e no Nordeste. O estabelecimento de fortes na costa da Colônia, a fundação de cidades no litoral, o estabelecimento de governos (inicialmente capitânicas hereditárias, depois governos-gerais); e o emprego de expedições (Entradas e Bandeiras) para interiorização denotam a interpretação que era necessário construir uma capacidade de ocupação e defesa do território descoberto. Posteriormente, o período da União Ibérica legalizou o avanço português para o oeste, implicando, inclusive, o estabelecimento de diversos fortes no Pará, Amapá, Amazonas e Roraima, entre outros. O estabelecimento

⁵ Ano da publicação dos estudos geopolíticos de Everardo Backheuser, considerado precursor do pensamento geopolítico brasileiro.

⁶ Segundo Karol, códigos geopolíticos constituem um conjunto de premissas estratégicas que produz um governo sobre outros estados, para orientar sua política externa.

dessas fortalezas está ligado à experiência portuguesa na defesa territorial contra invasores. A principal consequência das ameaças ao território foi evoluir de um processo de colonização de exploração para colonização de ocupação, valendo-se, também, das missões jesuíticas para arregimentar os povos indígenas para a defesa territorial. A perspectiva de solução foi de, efetivamente, ocupar o Brasil para se ter a apropriação territorial face à ameaça de outros europeus no Brasil. Paralelamente às ameaças externas, iniciaram os problemas entre os portugueses e brasileiros, fruto do desejo de independência desses últimos, resultando nas disputas pelo poder nacional. A vinda da Corte Portuguesa para o Brasil alterou o *status* da Colônia, repercutindo na disputa de poder com a França por conta da Guiana Francesa, em 1809. A elevação do Brasil a Reino Unido, em 1815, refletiu na disputa de poder com os espanhóis pela Cisplatina.

Logo após a independência do Brasil, o problema prioritário nas relações de atores-espaço-poder foi o de manter a unidade nacional⁷ em face da possibilidade de fragmentação do Brasil, decorrente de diversas revoltas regionais como a Confederação do Equador, Revolução Farroupilha, Sabinada e Balaiada. Esse problema interno afetou a percepção de crescimento da ameaça externa que veio a se manifestar, a partir de 1864, com o Paraguai. O espaço da então província de Mato Grosso foi invadido pelos paraguaios e houve diversas ações para conquista do Rio Grande do Sul. Essa situação, associada às ameaças paraguaias à Argentina, determinou a formação da aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai. O final do conflito implicou a ascensão do Brasil como potência na América do Sul, a definição territorial dos atuais Estados do Mato Grosso do Sul, Paraná e Santa Catarina.

Após a Guerra da Tríplice Aliança, o Brasil avançou na mudança da forma de governo, tornando-se uma República em 1889. Desse ano até 1920, o propósito do Brasil foi consolidar seu governo, fortalecer suas relações internacionais e buscar a solução de problemas fronteiriços ainda existentes. Assim, o País enfrentou a Revolta Federalista no Rio Grande do Sul e a Guerra de Canudos; ao mesmo tempo que buscou estabelecer relações internacionais como por exemplo, com Portugal e Japão.⁸ Por outro lado, o Brasil enfrentou as

⁷ Conforme citado por Meira Mattos (200, p.59), José Bonifácio de Andrada e Silva, em seu documento “Lembranças e Apontamentos”, denotou, como preocupação principal, a preservação da unidade nacional quando ocorresse a Independência do Brasil.

⁸ Tratado de Amizade, Comércio e Navegação com o Japão, em 1895.

disputa territoriais com: 1) Argentina, na denominada Questão de Palmas; 2) Bolívia pelo Acre; e 3) França pelo Amapá. Essas situações mostraram a necessidade de consolidação das fronteiras do Brasil, visando a redução das ameaças à soberania nacional.

O Embaixador Meira Penna apontou que os desafios vitais para o período apreciado eram a proteção da fronteira marítima a leste e a proteção da fronteira terrestre a oeste, exigindo o emprego da diplomacia colonial portuguesa e da diplomacia imperial e republicana, e a negociação permanente e a luta armada, em algumas oportunidades (Meira Mattos, 2000, p. 58). Portanto, o pensamento geopolítico (pragmático) luso-brasileiro nesse período foi muito semelhante ao delineado pelo *lebensraum* de Ratzel, ou seja, expandir e definir um espaço geográfico vital brasileiro.

1.2. De 1920 aos dias atuais – Uma mistura de geopolítica pragmática e geopolítica formalizada

Nesse período inicia-se a formalização de ideias relativas à geopolítica brasileira com Everardo Adolpho Backheuser. De acordo com Anselmo e Bray (2002, p.110-1), os estudos geopolíticos de Backheuser começaram a ser publicados na década de 1920, influenciados pelas consequências do momento histórico do federalismo no Brasil (p.111); e pelos pensamentos da organicidade do Estado, de Darwin e Ratzel (Duarte, 2022, p.247). Os estudos tinham o propósito de promover a consolidação do Estado Nacional brasileiro (p.110), considerando que o problema enfrentado era a influência das oligarquias, fomentando os regionalismos e a possibilidade de fragmentação do País (Teles Lima et al 2015, p.96). A disputa de poder entre São Paulo e Minas Gerais não contribuía para o fortalecimento nacional, tampouco para a formação de uma consciência nacional (Teles Lima et al 2015, p.111). Segundo Backheuser a localização da capital federal no Rio de Janeiro interferia na consolidação da unidade e da identidade nacionais e na gestão centralizada do Brasil (Anselmo e Bray, 2002, p.111).

De acordo com Miyamoto e Gonçalves (1995, p.44), o segundo momento da evolução do pensamento geopolítico brasileiro ocorreu de 1930 até o final da 2ª Guerra Mundial. Note-se que, no âmbito mundial, é nesse período que se manifestaram importantes pensadores geopolíticos clássicos como Halford Mackinder (1861 - 1947) e Nicholas Spykman (1893 - 1943). No

âmbito brasileiro, a situação interna ainda era de mudanças provocadas pelo(a): 1) declínio do federalismo e da política “café com leite”; 2) Revolução de 1930; 3) Movimento Tenentista; 4) início da industrialização em substituição ao predomínio da cafeicultura; e 5) aumento da urbanização, entre outras. No campo externo, duas situações relevantes se apresentaram: 1) a ameaça advinda da superioridade militar Argentina; e 2) a mudança da esfera de influência inglesa para a norte-americana sobre o Brasil. Destarte, o propósito do pensamento geopolítico pragmático foi de se adaptar às rápidas transformações impostas pelas mudanças mundiais e internas. Os principais problemas ainda residiam nas disputas internas de poder, envolvendo espaços geográficos regionais e, agora, com um acréscimo decorrente do início do conflito ideológico envolvendo o capitalismo e o comunismo. Castro (2021, apud Duarte, 2023, p. 246) indica que a geopolítica no período de 1920 a 1945 teve uma conotação ideológica e propagandista. Essa característica foi decorrente do embate entre a Teoria do Poder Terrestre de Mackinder (publicada na Revista *Foreign Affairs*, em 1943) e a Teoria do Poder Marítimo de Mahan (de 1890). Em meio a todo esse cenário, despontou o pensamento geopolítico de Mário Travassos formalizado por intermédio dos livros *Projeção Continental do Brasil*, de 1935; e *Introdução à Geografia das Comunicações Brasileiras*, de 1942. O propósito do pensamento geopolítico de Travassos era projetar o Brasil como a verdadeira potência hegemônica no âmbito da América do Sul. No entanto, os problemas a serem resolvidos eram: 1) a Argentina demonstrava superioridade naval na América do Sul (Soares, 2020, p.25); 2) os Estados Unidos passaram a exercer maior influência sobre a América Central e do Sul (Pedone e Ronconi, 2017, p.661) e sobre o País, sendo visto por Travassos como o maior adversário para o Brasil (p.39); 3) a Bolívia buscava estabelecer acordo com a Argentina para obter uma saída para o mar (Mendes da Costa, 2014, p.37); 4) sob o ponto de vista geográfico, a Bacia do Prata era mais efetiva no aproveitamento do comércio pelo Atlântico que a Bacia Amazônica; e 5) o Brasil possuía grandes debilidades no sistema de transporte para interligar as regiões. Mário Travassos compreendeu que, longitudinalmente, a Cordilheira dos Andes constituía um obstáculo para o movimento brasileiro para o Pacífico, enquanto que as Bacias Amazônica e do Prata se projetavam para o Oceano Atlântico, sendo que a Amazônica tinha mais direcionamento para a Europa, contudo perdia em capacidade para a

Bacia do Prata. Travassos foi influenciado pela Teoria de Mackinder, adaptando a ideia do *heartland* e estabelecendo o “*heartland* da América do Sul” conformado pelo triângulo Santa Cruz de La Sierra - Cochabamba - Sucre. Travassos inferiu que a Bolívia tinha: 1) elevado valor geoestratégico (Mendes da Costa, 2014, p.53), pois a “área-corção” da América do Sul tinha valor econômico e, principalmente, a capacidade de neutralizar a importância da Bacia do Prata e a eventual hegemonia da Argentina (Soares, 2020, p.36); e 2) elevado potencial para se tornar uma área de conflito, considerando que o País buscava uma saída para o mar; e havia disputas entre a Argentina e o Brasil sobre o controle do acordo para aquela saída (Soares, 2020, p.38; Mendes da Costa, 2014, p.52). Como implicações, Mário Travassos considerava fundamental controlar efetivamente o “*heartland* sul-americano” para desequilibrar o poder argentino particularmente fortalecido pelo sistema de transportes rodoferroviário estabelecido naquele país (Soares, 2020, p.33). A perspectiva de solução visualizada por Travassos foi: 1) o poder público atuaria na infraestrutura de transportes para promover a complementariedade nos modais e superar as condicionantes geográficas (Soares, 2020, p.47), dessa forma promoveria a integração territorial, reduziria as ameaças e tornar-se-ia hegemônico na região; 2) dever-se-ia fomentar a interiorização populacional, tendo em vista a concentração demográfica na faixa litorânea.

Em termos de pensamento pragmático, o propósito foi posicionar o Brasil contra a ameaça representada pela Alemanha nas costas do Atlântico.⁹ Ademais, os EUA pressionavam o Brasil para a participação no conflito e autorizar o uso do Saliente Nordeste para a instalação de duas bases para a projeção da logística sobre a costa ocidental da África.

Seguindo a divisão temporal proposta por Miyamoto (1995, p.44), o terceiro período de desenvolvimento do pensamento geopolítico brasileiro vai da criação da Escola Superior de Guerra – ESG (1949) até 1964. Em face da derrota no Nazismo, a geopolítica, particularmente na Europa, sofreu um processo de estigmatização e declínio (Duarte, 2023, p.253), fato que não ocorreu de imediato no Brasil. Em âmbito mundial, ocorria o confronto entre Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). No Brasil, o pós-guerra suscitou a criação de diversos cursos de

⁹ Ocorreram torpedeamentos de embarcações brasileiras no Oceano Atlântico por submarinos alemães e italianos, inclusive em águas brasileiras causando centenas de óbitos.

geopolítica em locais como: Instituto Rio Branco (1944-45), Instituto Cultural Brasileiro (1947-48); Instituto Brasileiro de Geopolítica (1949); e ESG (a partir de 1949). O propósito do pensamento geopolítico nessa fase foi preparar o País para o confronto entre Ocidente e Oriente (Miyamoto, 1981, p.80), robustecendo a capacidade de segurança nacional (p.80) e o desenvolvimento econômico (Mattos, 2000, p.7). O principal problema considerado era como posicionar o País estrategicamente no Sistema Internacional, considerando a bipolaridade em curso, os desafios internos do Brasil no período e as instabilidades regionais. Nesse contexto, o pensamento predominante era o de se evitar a influência comunista no Brasil, criar uma política externa independente e fomentar o desenvolvimento de uma indústria autônoma. As suposições eram que os EUA manteriam a influência na política externa brasileira, mas que a URSS expandiria o comunismo na América Latina e a soberania nacional estaria ameaçada pela Guerra Fria, e assim, o desenvolvimento econômico e tecnológico seria fundamental para a segurança nacional. As implicações dessa conjuntura determinaram um alinhamento pragmático do Brasil com os EUA para assuntos de segurança e de economia, o fortalecimento da segurança nacional; e o incentivo aos investimentos em infraestrutura, indústria de base e de tecnologia. Nesse momento, destacou-se o pensador geopolítico Golbery do Couto e Silva, que formulou a Teoria dos Hemiciclos, onde o Brasil deveria ser responsável pela segurança e defesa de parte da América (Borges, 2020, p.14).

O quarto período, de 1964 a 1985, segundo Miyamoto e Gonçalves (1995, p.44), é caracterizado pelos militares no comando do Estado brasileiro. No âmbito mundial persistia o embate entre as ideologias comunista e capitalista, com a ocorrência de lutas armadas em diversos países envolvidos na Guerra Fria. Os propósitos principais nesse período foram promover as ideias anticomunistas, o nacionalismo e o pensamento desenvolvimentista. Diversos problemas internos decorreram dessas ideias, particularmente pelas diferenças ideológicas. Em termos de pensadores geopolíticos, destacaram-se Carlos de Meira Mattos e Therezinha de Castro. Meira Mattos enfatizou a defesa nacional como pilar para o progresso econômico e social e, conseqüentemente, o desenvolvimento do País. Meira Mattos também defendeu que a geopolítica brasileira deveria focar na integração, ocupação e desenvolvimento sustentável da Amazônia e na integração regional da América

do Sul (Rooy, 2022). Therezinha de Castro advogou que a geopolítica deveria ser a “consciência geográfica do Estado” e constituir um ativo para estabelecer diretrizes para a integração e aproveitamento do espaço geográfico nacional (Freitas, 2004 apud Silva, 2020, p.38). Therezinha de Castro analisou que as regiões Norte e Centro-Oeste constituíam a “ilha subdesenvolvida” do Brasil, ao passo que o Sul e Sudeste seria a “ilha desenvolvida” e o Nordeste a “ilha em desenvolvimento” (Silva, 2020, p.38). Além disso, Therezinha destacou que haveria necessidade de desmistificar que a Amazônia deveria ser gerida apenas sob a perspectiva ecológica e indigenista, assim como era necessária uma geoestratégia de preservar e não conservar aquele espaço geográfico. A pensadora mostrou a necessidade de o Brasil ter uma estratégia direcionada para o Atlântico Sul e para a Antártica. Finalmente, Therezinha de Castro defendeu que o País possuísse diretrizes geopolíticas para orientar as ações visando o atingimento e a manutenção dos objetivos nacionais do Brasil (p.41).

No último período (Miyamoto e Gonçalves, 1995, p.44), destacam-se em âmbito mundial diversos eventos com impacto geopolítico: 1) a queda do Muro de Berlim (1989); 2) a fragmentação da URSS (1991); 3) a Guerra do Golfo (1991); 4) a Conferência de Kyoto (1997); 5) os atentados de 11 de setembro de 2001; 6) a Guerra do Afeganistão (2001); 7) a Primavera Árabe (2011); 8) a Guerra da Crimeia (2014); 9) a Pandemia da COVID-19 (2019), 10) a Guerra Rússia-Ucrânia (2022); 11) a Guerra Israel-Hamas (2023); e 12) a expansão do BRICS, incluindo Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia e Irã. Segundo Duarte (2023, p. 262), a Geopolítica contemporânea não conseguiu produzir um consenso em termo de teorias¹⁰ para definir um pensamento geopolítico. No âmbito nacional, também houve diversos eventos com impacto para a geopolítica, como: 1) a promulgação da Constituição de 1988; 2) o início da formação do Mercosul (1988); 3) a celebração do Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento (1988) entre o Brasil e a Argentina; 4) o lançamento do Plano Real, que estabilizou a economia do Brasil (1994); 5) a criação da Iniciativa para Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA); e 6) o início da participação do Brasil no grupo dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, em 2011). Nesse contexto, o propósito do

¹⁰ Exemplos, segundo Duarte (2003, p. 262-267) de teorias geopolíticas dos tempos contemporâneos: Teoria dos Blocos, Teoria dos Limes, Teoria do Choque de Civilizações, Teoria do Sistema-mundo, Tese do “fim da história”, Teoria dos Sistemas, Teoria Centro-Periférica, Princípio do Caos Circunscrito e Geopolítica Crítica.

pensamento geopolítico durante todo esse período foi fomentar a integração das regiões do Brasil, particularmente aquelas mais isoladas, buscar a projeção internacional (particularmente na América do Sul e Atlântico Sul) e adequar-se às pressões internacionais, como por exemplo, as questões ambientais e as mudanças climáticas. Os problemas se mostraram variados, destacando-se: 1) a dificuldade de o Brasil alavancar sustentavelmente a economia para se inserir em melhor posição mundial; 2) a insuficiente infraestrutura de transporte estratégica para o País: a) a falta de ferrovias necessárias para baratear os custos logísticos de exportação para os EUA, Europa e Ásia; b) as inconclusas vias de transporte para o Pacífico para incrementar o comércio com a Ásia; e c) a manutenção do desequilíbrio entre o aproveitamento da Bacia Amazônica em relação à Bacia do Prata; 3) os desafios para a exploração sustentável da Amazônia diante das pressões internacionais, que relacionam as atividades naquela área estratégica às mudanças climáticas; 4) as desigualdades de desenvolvimento das regiões brasileiras, fomentando as disputas internas de poder; 5) a competição do agronegócio brasileiro com o europeu, sobretudo o francês; 6) a disputa entre os EUA e a China para manterem o Brasil em suas áreas de influência; 7) a insuficiência de meios navais para patrulhar e garantir a plena soberania das águas jurisdicionais brasileiras contra ações de estrangeiros, seja na pesca predatória, seja na pesquisa dos recursos minerais; e 8) a pouca disponibilidade de lideranças dotadas de pensamento geopolítico e estratégico para implementar políticas de Estado, cujos resultados se mostrem a longo prazo e transformem o País. As inferências sobre o cenário mundial passaram a ser feitas mediante visões estreitas e particulares. A diversidade de teorias também prejudicou a seleção de paradigmas de comparação e exemplo. A formulação de hipóteses tornou-se cada vez mais difícil também pela incerteza do Sistema Internacional. Assim, de acordo com Carmona (2019, p. 182), houve um esgotamento do ciclo nacional-desenvolvimentista, em consequência, o País ficou sem um projeto nacional, cuja percepção é de falta da direção estratégica geral a ser seguida (p.182) para enfrentar um mundo cada vez mais instável e incerto.

A análise do pensamento geopolítico de 1920 até os dias atuais mostra que houve uma relativa alternância com visões voltadas para o campo interno e externo. Mais recentemente, a multiplicidade de desafios tem prejudicado a

definição de um pensamento geopolítico claro e efetivo, requerendo uma nova postura dos pensadores geopolíticos brasileiros.

2. Qual deveria ser o pensamento geopolítico agora?

Meira Mattos (2000, p.1) asseverou que a Geopolítica, assim como a Política, se caracteriza por adotar um comportamento baseado em projeções prospectivas. Nesse sentido, Carmona (2017, p.80-7) apresenta ideias que delineiam possíveis cenários para o futuro: 1) o sistema internacional deve alterar-se (saindo da unimultipolaridade¹¹) para a multipolaridade, trazendo consequências para as dinâmicas de cooperação e conflito, particularmente nas disputas entre os arranjos EUA/Europa e China/Rússia. Nos âmbitos regionais, potências médias também poderão aumentar os riscos de conflitos. A demanda crescente por recursos naturais, particularmente os energéticos, deverão continuar mobilizando os atores em situações de disputa. Os *Global Commons*¹² continuarão fomentando conflitos geopolíticos; e 2) as mudanças sociais e políticas, como as transformações demográficas e as migrações, tenderão a gerar crises entre Estados; e a distribuição desigual de bens continuará estimulando a fragmentação social e as instabilidades. Finalmente, as fronteiras dos Estados, no âmbito do espaço informacional, se tornaram por demais porosas, dificultando o exercício da autoridade dos países.

O propósito do pensamento geopolítico brasileiro para o futuro deveria ser voltado a posicionar o Brasil, no âmbito do Sistema Internacional, no lugar correspondente ao poder originado da sua área territorial, capacidade econômica advinda do produto interno bruto, e dos recursos para geração de energia e minérios críticos não combustíveis, as produções industrial e alimentícia, o comércio exterior e a capacidade militar (Cline 1977). Carmona (2019, p. 182-3) destaca três obstáculos relevantes para o desenvolvimento do pensamento geopolítico brasileiro: 1) a tentativa de cópia de soluções estrangeiras para as questões do Brasil; 2) a fragilidade da coesão nacional; e 3) a incapacidade de planejamento e gestão do Estado para aproveitar as potencialidades do espaço geográfico que ocupa. Desses problemas, destaca-se que atual polarização reinante se tornou um malefício para a coesão

¹¹ Avaliação apresentada por Samuel Huntington, em 1999.

¹² Águas e espaço aéreo internacionais, espaço exterior, ciberespaço, estreitos e rotas marítimas, Ártico e Antártida.

nacional e para as lideranças políticas, impedindo a construção de consenso para objetivos estratégicos necessários ao Estado brasileiro. O Brasil continua a enfrentar problemas de disputas internas, com riscos de fragmentação do tecido social, dificultando o atingimento de objetivos nacionais. A falta de clara definição de objetivos estratégicos de longo prazo, atualmente requerida em uma “grande estratégia”, prejudica o País de alcançar a posição que lhe é devida no cenário mundial. Além disso, a falta de meios suficientes para respaldar posições contrárias aos interesses do Brasil coloca o País à mercê de pressões de toda ordem. Há necessidade de preparação das lideranças nacionais quanto à formulação de um pensamento geopolítico e de uma visão estratégica para desempenharem, efetivamente, o papel de estadistas. De igual sorte, faz-se necessário realizar investimentos no setor de defesa, para respaldar os posicionamentos brasileiros. A transformação da situação atual para uma situação futura desejada requererá estabelecer a agenda geopolítica brasileira e convergir esforços para que o País tenha um projeto consensuado a ser seguido, independentemente das ideologias político-partidárias que disputem o poder. A situação implica: 1) o estabelecimento de uma visão estratégica comum para o futuro, com a definição de objetivos estratégicos para o Estado, as metas a serem alcançadas ao longo do tempo e as prioridades para orientar políticas públicas que colaboram para o atingimento dos objetivos estratégicos; 2) a elaboração de planejamento estratégico detalhado, envolvendo todas as expressões do poder nacional, e sincronizado para resultar em efetividade; 3) o engajamento da sociedade para o entendimento da situação e para o apoio aos projetos de longo prazo; 4) a identificação de líderes institucionais capazes e engajados para mudar os destinos do País; 5) a participação responsável e com visão de Estado das Instituições Nacionais; 6) o exercício de uma administração capaz de implementar, monitorar e entregar resultados; e 7) a obrigatoriedade e a certificação de que os projetos estratégicos nasçam de estudos de viabilidade e sejam sustentáveis, particularmente durante as mudanças governamentais.

Considerações finais

O pensamento geopolítico é um processo cognitivo, deliberado ou não, originado na mente de líderes, estadistas, políticos ou acadêmicos, com o objetivo de analisar a relação entre atores, em contextos regionais ou globais,

na disputa de poder, considerando a influência dos espaços geográficos nesse processo. Nessa ação mental, o pensador identifica aquilo que impede ou retarda o atingimento do estado final desejado para o País para, finalmente, propor uma solução aos desafios identificados.

A visão e as ações estratégicas dos lusitanos foram fundamentais para enfrentar franceses, holandeses, ingleses e espanhóis, superando-os e conformando a quase totalidade territorial da atualidade. Por outro lado, a ameaça paraguaia impingiu os brasileiros a ações geopolíticas que o levaram à condição de potência regional. Após a proclamação da República, o Brasil, como um País grande, parece ter se enquadrado naquilo que Montesquieu falou: “(...)se uma república(...)é grande, vive ameaçada de desagregação por condições internas (Meira Mattos, 1990, p.20-1). Nas disputas de poder no campo externo, considerando os espaços geográficos, as relações conflituosas com a Argentina foram superadas por intermédio da diplomacia. Desafortunadamente, a bipolaridade e o embate capitalismo *versus* comunismo trouxeram, novamente, problemas internos para o Brasil.

Nos dias atuais, além dos espaços geográficos tradicionais, as disputas de poder avançaram para outras áreas como: 1) a Ciência, Tecnologia e Inovação; 2) o meio ambiente e sua relação como o clima; 3) os espaços cibernético, sideral e informacional; e 4) a segurança alimentar. Nesse sentido, o Brasil se encontra em meio a embates significativos envolvendo os EUA, a China e a União Europeia.

Enfim, precisa-se de um “Projeto de País”, com visão de longo prazo e com objetivos mais audaciosos, para tirar o Brasil da condição de nação do “voo de galinha”¹³ e posicioná-la no lugar que realmente corresponda à estatura geopolítica brasileira. Mas, quem e como esse processo será conduzido? Essa parece ser a questão central para gerir esse pensamento geopolítico tão necessário¹⁴.

¹³ Referência ao voo curto que as galinhas fazem, diferentemente de outras aves que conseguem voos de longo alcance. Essa metáfora diz respeito ao surtos de crescimento do Brasil sem sustentabilidade.

¹⁴ De acordo com Parker, é difícil precisar o grau de influência de pensadores geopolíticos sobre o desenvolvimento de políticas, exceto nas poucas oportunidades que o geopolítico e o estadista são a mesma pessoa (Parker, 1995, p. 175). São exemplos: Theodore e Franklin Roosevelt, Churchill, de Gaulle e Kissinger (p.175).

Referências

ANSELMO, Rita de Cássia Martins de Souza. **Geografia e Geopolítica na Formação da Nacionalidade Brasileira: Everardo Adolpho Backheuser**. Tese (Doutorado em organização do espaço) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Unesp - Rio Claro. Orientador: Silvio Carlos Bray. 2000.

BECKLEY, Michael. The Power of Nations: Measuring What Matters. In **International Security**, n.43, p.7-44, 2018.

BORGES, Carlos Régis Carneiro. **Brasil: um Aliado Prioritário Extra-OTAN, alinhado com o Pensamento Geopolítico do General Golbery do Couto e Silva**. Policy Paper. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2020.

CARMONA, Ronaldo Gomes. **Poder Nacional e Grande Estratégia: Uma Análise Geopolítica dos Conceitos Fundamentais do Projeto Brasileiro de Potência**. 2017. 227f Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2017.

_____. Pensamento Geopolítico Brasileiro: Trajetória, Grandes Temas e Novos Desafios – Reflexões por Ocasão dos 70 Anos da ESG. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v.34, n.70, p. 162-188, Jan/abr. 2019.

CHIH-CHUNG, Wu. The Rise of Geopolitical Thinking in Asia: An Analysis of the “One Belt One Road” and the AIIB Policy of China from the perspective of Taiwan. **Studia z Polityki Publicznej**, n.3, 2016.

CLINE, Ray S. **World Power Assessment 1977: A Calculus of Strategic Drift**. Boulder, Colo: Westview Press, 1977.

DUARTE, Geraldine Marcelle Moreira Braga Rosas. A Evolução do Pensamento Geopolítico. **Caderno de Geografia**, v.33, n.72, 2023.

GONZALES, Selma Lucia de Moura. **Aula de Geopolítica do Curso de Análise de Crises Internacionais (CACI) da Escola Superior de Defesa**, 2022.

KAROL, Eduardo. Geopolítica na Geografia do Brasil. Notas sobre o Pensamento de Bertha Becker em Geopolítica das Amazônias. **Revista Geográfica da América Central**, Número Especial EGAL, p.1-11. Costa Rica. 2011.

MEIRA MATTOS, Carlos de. A Geopolítica Brasileira – Predecessores e Geopolíticas. **Revista da Escola Superior de Guerra**, n.39, 2000.

_____. Carlos de. **Geopolítica e teoria de fronteiras**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.

MYAMOTO, Shinguenoli. Os estudos geopolíticos no Brasil: uma contribuição para sua avaliação. **Perspectivas**, v.4, 1981.

PARKER, Geoffrey. **Western Geopolitical Thought in the Twentieth Century**. Routledge Library Editions: **Political Geography**, 1985.

_____. Continuidad y cambio en el pensamiento geopolítico occidental durante el siglo XX. **Revista Internacional de Ciencias Sociales**, v. XLIII, n.1. UNESCO, 1991.

PEDONE, Luiz. RONCONI, Giordano Bruno Antoniazzi. Evolution of Brazilian Geopolitical Thought: Elements for a Contemporary Analysis in South America. **Revista da Escola de Guerra Naval**, v.23, n.3, set/dez 2017.

ROOY, Gregor de. **A Geopolítica de Meira Mattos e a Amazônia**. ECEME, 2019. Disponível em <https://ompv.eceme.eb.mil.br/geopolitica-e-defesa/amazonia-dimensao-geopolitica-e-meio-ambiente/analises?id=246>

SILVA, Frederico Inácio Barros. **A influência do Pensamento Geopolítico Brasileiro na Estratégia Nacional de Defesa para a Região Amazônica**. Monografia. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2020.

TELES LIMA, Wendell, OLIVEIRA, Ana Maria Libório, SILVA, Iatiçara Oliveria, FRAGA, Nilson César. Revistando os grandes temas do pensamento geopolítico brasileiro. **Revista de Geopolítica**, v.6, n.1, p.94-108, 2015.

VERNIER, Pascal. Main Theoretical Currents in Geopolitical Thought in the Twentieth Century. **L'Espace Politique** 12, 2011.

Recebido em 44 jul. 2024.

Publicado em 23 dez. 2024.